

1. A problemática geral (descrições e vivências) deste artigo nasce em Abaetetuba/PA, Inverno Amazônico de 2020. Correspondem ao mês de março e abril, período este que me encontrava adoentado pela Covid-19.

RAFAEL BASTOS FERREIRA

Universidade Federal do Pará

rafaelbastos.rbf@gmail.com

Artigo recebido em:

22/05/2021

Artigo aprovado em:

23/06/2021

FENOMENOLOGÍA DEL CUERPO ENFERMO

PHENOMENOLOGY OF THE ILLNESS BODY

PHÉNOMÉNOLOGIE DU CORPS MALADIE

RESUMO

As reflexões deste artigo partem de uma experiência vivida. Trata de um corpo adoentado e suas modificações perceptivas. O corpo vivido é primordial, e a partir dele, constituímos os nossos horizontes de orientação: ele é o ponto zero de orientação. Desse modo, quais as modificações perceptivas que um corpo adoentado promove à experiência vivida? Para refletir sobre esta questão recorro, especialmente, à fenomenologia de Edmund Husserl no que tange a problemática da constituição da corporeidade (*Leiblichkeit*). Portanto, irei considerar que um corpo adoentado causa não somente uma modificação perceptiva, mas sobretudo, uma desorientação.

PALAVRAS-CHAVE: Edmund Husserl, Fenomenologia, Espaço.

RESUMEN

Las reflexiones de este artículo se basan en una experiencia vivida. Se trata de un cuerpo enfermo y sus cambios de percepción. El cuerpo vivido es primordial, y a partir de él constituimos nuestros horizontes de orientación: es el punto cero de orientación. Entonces, ¿cuáles son los cambios perceptivos que un cuerpo enfermo promueve en la experiencia vivida? Para reflexionar sobre este tema, me dirijo, especialmente, a la fenomenología de Edmund Husserl sobre la problemática de la constitución de la corporeidad (*Leiblichkeit*). Por tanto, consideraré que un cuerpo enfermo provoca no solo un cambio de percepción, sino sobre todo, una desorientación.

PALABRAS-CLAVE: Edmund Husserl, Fenomenología, Espacio.

ABSTRACT

The reflections of this article are based on a living experience. It's about an Illness body and its perceptual modifications. The lived body is primordial, and from it, we constitute our horizons of orientation: it is the zero point of orientation. So, what are the perceptual changes that an Illness body promotes to the lived experience? To reflect on this issue, I turn, especially, to Edmund Husserl's phenomenology regarding the problem of the constitution of corporeality (*Leiblichkeit*). Therefore, I will consider that an

Illness body causes not only a perceptual change, but above all, disorientation.

KEYWORDS: Edmund Husserl, Phenomenology, Space.

RÉSUMÉ

Les réflexions de cet article sont basées sur une expérience vécue. Il traite d'un corps maladie et de ses changements de perception. Le corps vécu est primordial, et à partir de lui, nous construisons nos horizons d'orientation: c'est le point zéro d'orientation. Ainsi, quelles modifications perceptives un corps maladie favorise-t-il dans l'expérience vécue? Pour réfléchir sur cette question, je me tourne surtout vers la phénoménologie d'Edmund Husserl à propos de la problématique de la constitution de la corporéité (*Leiblichkeit*). Par conséquent, je considérerai qu'un corps maladie provoque non seulement un changement de perception, mais surtout, une désorientation.

MOTS CLÉS: Edmund Husserl, Phénoménologie, Espace.

INTRODUÇÃO: A COTIDIANIZAÇÃO E A SUA SUSPENSÃO

A pandemia da Covid-19 provocou no mundo uma certa suspensão de nossas atividades cotidianas e habituais. As modificações se deram em várias esferas: do trabalho, da escola, da empresa, da cidade, do lazer, da casa. A habitualidade, em geral, não foi anulada, mas ganhou novas formas de cotidianização. Por exemplo, a professora não deixou de ser professora, mas teve que lidar com o ensino remoto e com todas as implicações que isso acarreta. A suspensão se deve ao que era habitual e, sobretudo, significado em um determinado lugar, espaço, tempo e situação. O que outrora a professora tinha que se ocupar, isto é, com a sala de aula e tudo o que circunda o lugar-sala, a partir do ensino remoto, passa a dividir a sua responsabilidade educacional com as rotinas de casa. Houve com isso uma certa mistu-

ra entre o mundo do trabalho com o mundo familiar. Não quero dizer, com isso, que se trata de um fenômeno inédito, mas se acentuou na crise da pandemia.

Cada um de nós situava o seu corpo vivido (*Leib*) segundo o lugar que ele ocupava experiencialmente e vivencialmente. O corpo “conhecia” intencionalmente as coisas ao seu redor: a mesa do trabalho, a árvore do parque, o lanche da esquina, e assim, constituindo o seu mundo primordial e circundante. Para muitos a pandemia rompeu com este “ordenamento” do mundo, com os seus pontos de orientação. Ficar em casa, nesse sentido, passou a se tornar uma espécie de enclausuramento, como pude observar na minha vizinha, ou seja, tratava-se para muitos uma condição de negação de seu corpo ao mundo: ao bar da esquina, a conversa

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

JANEIRO - JUNHO, 2021
ISSN 2175-3709

com a vizinha, o passear com o cachorro, o correr no parque. O corpo recusava o ficar-em-casa, queria ele a mundanidade das coisas. É por este entendimento que faço uso da ideia de uma certa suspensão e uma quebra da habitualidade.

Tivemos que lidar com muitas coisas ao mesmo tempo que anteriormente nos ocupava segundo o seu momento. Tivemos que “educar” o corpo e a consciência para novas paisagens, novos lagares. A casa como o lugar de descanso, após um logo dia de trabalho, passou a perder a sua qualidade de repouso para se tornar parte de sua atividade profissional. Talvez, esta e entre outras situações, causaram uma certa desorientação, não somente, no nível subjetivo, mas sobretudo, às condições concretas da corporeidade. Certamente, pretendo mostrar e afirmar, justamente, que consciência e corpo não são polos dicotômicos, pois a mudança de qualidade de um acarretará a mudança do outro.

Dito isto, partirei de uma experiência própria, como exercício primeiro de reflexão, que irá problematizar e fundamentar uma fenomenologia do corpo visando compreender suas modificações perceptivas provocadas pela pandemia e, sobretudo, de um corpo adoentado. Para não cair em uma mera descrição pessoal, este artigo terá como base algumas reflexões filosóficas que partem, especialmente, da fenomenologia husserliana no que tange a sua problemática da constituição da corporeidade (*Leiblichkeit*). Isso quer dizer que o alcance

geográfico da problemática não se dará a partir de uma epistemologia geográfica, mas ela (a geografia) surgirá como fenômeno co-constitutivo do corpo vivido.

Em sentido geral, a filosofia fenomenológica emerge da experiência. Assim, é de direito que o seu início busque neste solo primeiro a própria compreensão da vida mundana. Todo o sujeito encontra-se fundando no mundo a partir de seus valores, razões, culturas e corpos. Muitos geógrafos, seja qual for as razões, se retiraram de sua condição mundana para pensar o seu fazer científico apartado do mundo-da-vida (*Lebenswelt*). Preocupado, tão somente, com o seu melhoramento técnico e metodológico, acaba por objetificar a cotidianidade em detrimento de uma preocupação em teorizar e explicar o mundo.

O fenomenólogo entende que a experiência não é a mera experiência. Eu não sou o mero eu. Ao contrário, ao participar da minha realidade não desvelo tão somente a minha história pessoal, mas o horizonte mundano do qual eu faço parte intersubjetivamente. Antes das “teorias do mundo” há uma experiência primordial direta que constitui as nossas vivências intencionais. Quero dizer: antes de toda compreensão teórica sobre a dor, há a experiência da dor e do sofrimento: ou seja, que parte do meu corpo, da minha carne. Esta experiência é originária e antecede toda a problematização posterior. Este é o fundamento da intencionalidade

que Husserl (2006, p. 190) nos apresenta enquanto “toda consciência é consciência de algo”: “O agir se volta para a ação, o fazer para o feito, amar para o amado, alegrar-se para o que alegra etc.”

A experiência de um corpo adoentado é, portanto, o fenômeno originário que tem como fundo as vivências intencionais e temporais. Isso se deve porque toda a constituição corporal é co-originária com a espacialidade, por um mundo circundante que lhe confere a sua primordialidade, propriedade e familiaridade. Assim, há concomitante um tempo vivido, recordado, que funda re-tencionalmente o vivido do próprio corpo. Quero deixar claro que a fenomenologia do corpo não trata do mero corpo. Por este motivo, este artigo não pretende construir um trabalho explicativo, mas sim, descritivo. A fenomenologia husserliana é uma análise das vivências, porém, não dos simples relatos autobiográficos, mas sim, a partir dela gerar conhecimentos rigorosos e válidos.

Portanto, a seguir irei descrever a minha vivência de pré-isolamento para a condição de um corpo adoentado (isolamento). Tais descrições servirão de base para as problematizações fenomenológicas na última seção deste artigo. No entanto, este movimento não busca uma confirmação teórica, mas sim, o seu desenvolvimento.

DA NORMALIDADE E A COTIDIANIDADE DO MUNDO PARA O

ESTRANHAMENTO

Dia 17 de março a minha filha estava completando seus 5 anos de idade. Como é de costume, eu e ela, acordamos às 06:20 da manhã: preparei o café, arrumei o seu lanche e pus na sua pequena mochila. Tudo dentro da habitualidade. Sendo o dia do seu aniversário, eu e minha companheira, preparamos um bolo e brindes para levarmos na hora do intervalo da escolinha e assim cantar o “parabéns” e compartilhar com a turma o seu dia especial. Neste mesmo dia, São Paulo registrava a primeira morte no Brasil por complicações do Covid-19 e algumas medidas já começavam a ser tomadas objetivando conscientizar a população a ficar em casa.

Desde o dia 16 (dia anterior) já me inquietava a falta de um pronunciamento da escola de minha filha sobre possíveis medidas caso o Covid-19 começasse a se espalhar rapidamente pelo Brasil. Sempre acompanhando as informações sobre a pandemia, declarada no dia 11 de março de 2020 pela OMS (Organização Mundial da Saúde), para mim o silêncio do município (Abaetetuba/PA) me deixava desconfortável. Após deixar a filha na escola (no dia 17), compartilhei com a minha companheira uma certa necessidade de questionar – no dia seguinte – a escola sobre um possível cancelamento das atividades escolares. Às 10:45h meu alarme toca. Me arrumo, retiro a bicicleta de seu canto



Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

e pedalo para buscar a filha. Após dois dias de muita chuva, naquela manhã o sol castigava, e sem meu costureiro chapéu, a sensação era tão horrível.

Encontrando-se comigo fora da escola, pus a filha na sua cadeirinha, e com uma blusa de manga longa, sempre aquela amarelinha, busquei protegê-la do sol impiedoso. Antes de caminharmos rumo a casa precisaríamos passar rapidamente em um mercado e comprar algumas coisas para a nossa alimentação naquela noite e para o dia seguinte. Já conhecida, a filha não hesitava em conversar com algumas moças que trabalhavam no mercado. Ao sairmos recoloquei a sua blusa e comentei: “vamos logo que o sol está queimando”. Chegando em casa, próximo às 12:00h, peço para ela retirar seu sapato e trocar de roupa, pois estávamos quentes, cansados e com fome. Porém, esta era a nossa rotina diária, o nosso mundo circundante (*Umwelt*), a nossa cotidianidade.

Algumas horas depois do almoço a minha garganta começa a queimar, como se estivesse ficando inflamada. Após a chegada de minha companheira de seu trabalho docente, por volta das 17:30h, reclamo de minha garganta. Certamente, associei o problema ao intenso sol, embora, não era costume ter esses tipos de acontecimentos à minha saúde. Chegada então à noite, a inflamação parece ter evoluído e já não era mais um mero incômodo. Por volta das 19:00h, o corpo parece ceder e começa a ficar com fraqueza.

Comentei: “pelo visto a filha não irá a aula amanhã” e dei um pequeno sorriso.

Às 19:40h, minutos após o diálogo com a companheira, a Prefeitura de Abaetetuba solta uma nota suspendendo as atividades da Rede Pública Municipal de Ensino e, portanto, já seguindo as recomendações da OMS e o exemplo de outros estados do Brasil. Para mim, que já vinha se inquietando bastante com esta questão, não podia ser melhor, pois estava piorando de saúde.

a) Isolamento: a percepção, a corporeidade e a espacialidade: ao acordar, no dia seguinte, me encontrava como se estivesse com uma forte gripe, indisposto e preocupado, pois até o momento não tínhamos clareza o suficiente sobre os efeitos da Covid-19 no corpo. Tudo no que nos chegava era confuso, aleatório, obscuro. Tudo que sabíamos era então os horrores das mais de 700 mortes em 24 horas na Itália. O silêncio do Governo Federal e o avanço do Covid-19 pelo mundo nos jogava em meio aos bombardeios de notícias pelas redes sociais. Até então, embora não tivesse certeza se o meu caso se tratava de Covid-19, a minha consciência já se direcionava ao meu corpo adoentado.

Preocupado com a minha condição, resolvi fazer algumas compras pensando nas semanas seguintes. Porém, esta atitude não se relacionava tão somente ao problema do Covid-19, mas por achar que pudesse ficar “de cama” (adoentado) por alguns dias. Neste dia, Abaetetuba já

se encontrava em quarentena e nada se via pelas ruas e esquinas: sem crianças, sem carros etc. Ao pegar a minha bicicleta, imaginava um percurso até o mercado (aprox. 2,3Km) sem maiores contrastes. Não foi o que aconteceu. Apesar do mesmo caminho, as mesmas ruas, as mesmas casas, a espacialidade e corporeidade me conduzia a uma **percepção de estranhamento**. Não eram os mesmos lugares. Os olhares se encolheram, o corpo não parecia estar habituado àquele momento, frágil, desconfiado, temeroso, estranho. A consciência parecia buscar soluções em detrimento de um certo novo, embora tudo fosse tão familiar. A percepção é o modo de como conhecemos as coisas: a mudança qualitativa do meu corpo vivido parece explicar o porquê da modificação de como me relaciono com outros vividos e, portanto, abalando o meu conhecimento e experiências. O vivido nunca é um fato, um estático; ele é sempre co-constitutivo pela re-representação e dos outros vividos.

Ao chegar no mercado, não se queria olhar por detalhes as coisas que se pretendem comprar. Aquelas mesmas pessoas, costumado a ver, se desejava pressa. O bate-papo, um momento de pausa na hora da compra, não era mais necessário. Tudo é tão sério e sem sorrisos, tudo passava a resignificar e a consciência-mundo parecia exigir uma atualização. Ao chegar na fila do caixa me incomodou uma moça tão perto de mim; não que eu a

queira longe de mim. Em dias normais jamais a minha consciência iria conduzir tal juízo, mas parece-me que o meu corpo queria a sua negação, como negou a própria espacialidade ao sair de casa. Pelo visto, o lugar-comum, o corpo-comum não seriam tão familiares assim; foram suspensos.

A garganta que incomoda, muita tosse e o corpo frágil parece querer se isolar. O meu corpo vivido (*Leib*), tão primordial, não quer mais a espacialidade, não quer mais o próprio vivido das ruas, dos rostos, do mundo. Porém, não é mera negação da experiência mundana. A crise da pandemia me mostrava, curiosamente, aquilo que tanto anuncio em meus trabalhos fenomenológicos: a suspensão da atividade do mundo, isto é, a habitualidade e a cotidianidade estão agora entre parêntese. Porém, como já nos ensinou Husserl (2006), a suspensão do mundo requer a própria suspensão do eu mundano. Este acontecimento ocorreu em sua própria determinação. Não fui eu que conduzi tal orientação, porém tudo se tornou duvidoso, questionável, a ser refletido.

A partir do dia 20 a prefeitura local passa a me acompanhar. Sinto na minha vida de espírito um corpo, que a partir deste momento, passa a ser “institucionalizado”. E a institucionalização retirou, mais uma vez, o vivido e a habitualidade. É doloroso dizer que a morte, quando acontece em grandes proporções, e assim podemos observar em nosso país, passa a se tornar meros

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

2. Na fenomenologia husserliana *Körper* significa corpo físico, enquanto *Leib* corpo vivido ou próprio. Veremos este debate na última parte do texto.

números: não há velório, não há mais caixões; há apenas valões. Em certa medida, a objetivação da vida inicia-se pela institucionalização.

b) Dos problemas da significação e o sentido de casa:

após o adoecimento com o corpo e diante de sua própria decadência física, inicio um segundo momento que me conduziu a questões mais introspectivas. Quero dizer: o meu corpo vivido enquanto doente passou a convidar a consciência para a seu cuidado existencial. A casa me intencionou a pensá-la como uma pausa do mundo, isto é, deixar o mundo por alguns momentos. Ela é repouso, porém, com outras qualidades que não aquele que abrigava uma corpo pré-isolado.

Passei a refletir: a casa é um ponto fixo do qual decorre uma vida de corporidades habituais. É ela também um corpo (*Körper*)², que abraça os corpos vividos (*Leib*). Com isso, ela é também movimento. Dela e partir dela olhamos o cotidiano se desdobrar pela janela, pela porta, pela varanda. A janela é geométrica; a casa é geométrica. Aprendemos a lidar com a geometria a muito tempo. Tempo que vem de uma consciência interna do tempo, que é tempo vivido, não cronológico (*objektive Zeitlichkeit*) (HUSERL, 1966). A geograficidade, que tanto fala Dardel (2011), pressupõe temporalidade e esta última corporidades (*Leiblichkeit*). A geograficidade é a transforma-

ção de um vivido: por ex., da Terra como *Körper* à sua constituição como **Ur-Arche** (arca originária) – ou vice-versa. A casa também passa por este estágio. Olho pela janela: ela é um recorte do pedaço do céu. Observo as nuvens abraçando o sol, já em descida no horizonte e dando lugar as nuvens de chuva. A janela também cria um horizonte-limite, que não é o mesmo se eu estivesse no meio da rua. Penso: a casa é pausa e movimento do mundo. Creio que esta pausa é um recorte que me dá acesso às coisas, ao seu vivido. O que seria da casa que moro sem o vislumbrar deste cair de tarde através de uma janela recortada sobre o mundo? Porém, esta paisagem não é em qualquer outro lugar, “é” “aqui”, e este situar constitui uma intencionalidade valorativa que remete ao meu mundo circundante: cidade ribeirinha; vida ribeirinha. Canoas, peixe e açaí, ilhas e rios, Baixo Tocantins e Amazônia.

Husserl (1975) ponderou: a palavra por si só não carrega o significado. A casa em si e seu mundo circundante não tem sentido a priori, tal como, o próprio lugar. É um engano falar em significação a partir de um mero “dar-se” das coisas objetivas, no mero falar, no mero experienciar, no mero nomear. Um corpo adoentado e em estado de isolamento (devido à crise da pandemia) me mostrou, não somente a partir de minha experiência, que por de trás de um romantismo

sobre o mundo há sempre um espírito assombrado, inquieto, temeroso. E a morte como um horizonte finito da vida não perde para a fé. Penso: vivemos não em detrimento da morte, mas em detrimento da vida. Para usar um termo de Merleau-Ponty: temos uma **fé perceptiva** do mundo. Acreditamos no mundo, pois este constitui um horizonte infinito, a morte não.

Vejo (intuição) que a casa não é mundo e nem lugar; o mundo habita a casa e o lugar habita o vivido. Antes de se tornar algo afetivo, a casa é cobertura, abrigo, refúgio, violência, hierarquia. Dizia Aristóteles (2016) em “Ética á Nicômaco”: toda obra, ação, atividade ou arte tende para um fim ou bem (*Telos*). Se considero que a casa tem um *Telos*³, qual seria a sua finalidade? Não tenho respostas a mão. Mas penso que ela só é para alguém; não é para todos. E aqui estou pensando no conceito problemático de casa como *Oikos*⁴, ricamente trabalhado por Hannah Arendt (ARENDR, 2005, 2009) a partir dos gregos. A casa como lugar primeiro do suprimento da vida básica, da necessidade imediata do corpo orgânico. Sinônimo de vida privada, ela seria o contrário da liberdade política (público). Para uma melhor discussão sobre o tema sugiro Sepp (2020) em sua “Fenomenologia como Oikologia” e a obra clássica de Aristóteles (1997), “Política”.

As minhas experiências e de

outros tem me mostrado que o isolamento tem fortalecido uma dimensão problemática que parte deste conceito grego (*Oikos*) de casa, isto é, não há doxa no ambiente familiar. Por isso, a casa – refiro-me à sua vivência – tem se tornado um problema para várias pessoas: inquietação, embates, estranhamentos, conflitos, violência doméstica, opressão. Talvez seja por este motivo que o mundo tem sido tão requerido, no sentido de um voltar-se à sua cotidianidade. O confinamento impôs um lidar/conviver com a própria liberdade, como pude refletir em “Fenomenologia da crise: a experiência do isolamento e a liberdade” (FERREIRA, 2020).

Fica claro que o mundo é uma realização constitutiva em todos os níveis. Ele precisa se realizar, precisa de sua continuidade, pois, é por meio disso que sustentamos o nosso mundo familiar, o nosso mundo primordial e, sobretudo, o mundo em sua universalidade. Eu e todos nós precisamos do nosso mundo-da-vida (*Lebenswelt*) pois é ele que garante um horizonte possível e a continuidade da própria vida. No entanto, é preciso considerar que o próprio estranhamento, como descrevi, faz parte da constituição da nossa personalidade. Estar diante do que me fora estranho foi a possibilidade de uma ampliação perceptiva da consciência e seus horizontes intencionais. Ele (o estranhamento) surge justamente porque tive outras

3. Aristóteles entende que há distinções entre os fins: uma que se encerra nela mesmo e outra que é resultado dela.

4. *Oikos*: palavra de origem do grego antigo, podendo ser traduzida como “casa”, “ambiente habitado”, “família”, “propriedade da família”.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

experiências corporais já habituais com a própria condição de um corpo adoentado e não adoentado. Assim podemos pensar as nossas experiências espaciais: estranhamos um determinado lugar em detrimento do nosso lugar de recordação.

FENOMENOLOGIA DA CORPOREIDADE E EXPERIÊNCIA DO CORPO DOENTE

Apresentei algumas descrições que problematizaram o corpo e a sua vivência em detrimento da Covid-19 e a crise da pandemia em geral. Certamente, passei de forma superficial a este tema em detrimento de uma descrição fenomenológica primeira. Lançar questões e temas foi o objetivo inicial. Irei agora adensar tais questões visando contribuir às discussões fenomenológicas sobre a corporeidade, tanto no campo filosófico quanto geográfico. Lembro novamente: não me refiro a ciência geográfica, mas a geografia enquanto um fenômeno mundano dos sujeitos em suas cotidianidades.

Em um primeiro estágio, o nosso corpo encontra-se entrelaçado com a causalidade das coisas do mundo ou com o mundo das coisas. Todavia, diferente de qualquer outro corpo ou coisa material (*Körper*) ele impõe uma primordialidade e constituição. É o que Husserl (1997) vai considerar como: o ponto de zero de orientação. Dada a sua propriedade e, por meio desta orientação, possui

a sua referência. E é esta condição que o meu corpo próprio fala de mim, diz sobre mim, se difere do Outro, se apresenta. Ele se constitui, desse modo, como um campo de localização (*Lokalisationfeld*) e que lhe faz ser-próprio. Por este motivo Husserl (1997) passará a considerar que o corpo vivido (*Leib*) é o órgão da vontade e da liberdade, diferente do *Körper* que não teria esta propriedade fundamental. Esta capacidade de “conhecer o mundo” e experienciar dará ao Leib o seu sentido primordial: “Eu posso”. Não desejo aqui percorrer toda a problemática do corpo em Husserl, pois este trabalho está sendo realizado noutro artigo em construção.

Importa saber neste momento: o corpo vivido (*Leib*) diferente de outros corpos (*Körper*) constitui um campo de localização e referências, o ponto de orientação. A partir dele com e com-ele se abre as possibilidades intencionais da consciência: emoções, afetividades, julgamentos, imaginação, dor, sofrimentos, angústias. Ele é o terreno fundamental da doação real da alma e do Eu. A direita, esquerda, acima, abaixo só se torna possível a partir deste corpo cinestésico. Husserl (1997), portanto, vai dizer que todo ser espacial se vale da sua corporeidade, igualmente, a todos que nos circunda. Este corpo, com efeito, conhece e sabe o seu entorno existente e, assim, os outros corpos vividos passariam a ser entornos com seus próprios centros de orientação (HUSSERL, 1994). Não irei

me estender. Creio que após esta breve fundamentação já teríamos reflexões suficientes para algumas considerações acerca da experiência de um corpo adoentado.

Serrano De Haro (2019) em seu artigo *“Introducción a la fenomenología del dolor: la experiencia del dolor físico desde el punto de vista filosófico”*, nos apresenta algumas ideias fundamentais acerca da problemática deste texto. Sob o aporte da fenomenologia da corporeidade, já apresenta aqui, o autor faz uma consideração primeira: em geral a doença é uma vivência localizada no corpo. *“Pero lo que sí se sostiene como ley fenomenológica elemental es que el dolor como vivencia se encuentra esencialmente localizado; tiene una ubicación en mi cuerpo tal como yo lo vivo”* (SERRANO DE HARO, 2019. p. 36). É preciso reforçar que o Leib, diferentemente do Köper, reverbera uma vivência ao Eu. E assim, esta dor não se localizaria, meramente, no corpo, na boca, no pé, mas também se converte na dor do espírito e da alma. Talvez, o meu corpo, aquele que se desorientou em sua trajetória familiar, estava sendo questionado por uma consciência que o requeria, que o chamava atenção diante de uma situação de crise. Um corpo doente produz, igualmente, um sofrimento, seja comunitário ou pessoal, que interfere nas possibilidades de ânimo e motivação, referência e orientação. Estas duas últimas palavras, tão conhecidas

no campo da quantificação, ganha aqui sentindo de vivência, ou seja, constituídas no mundo-da-vida (*Lebenswelt*).

La comunidad entre dolores del cuerpo y dolores del alma se prolonga además en el hecho de que los primeros repercuten en la persona y generan estados de ánimo de rechazo, rabia, hastío, etc., de manera muy parecida a cómo los segundos repercuten en el cuerpo y se somatizan (SERRANO DE HARO, 2019, p. 36).

Para o autor, de modo semelhante a uma dor de dente que se irradia até a cabeça, a dor da alma corporificada, se irradia ao em direção ao seu mundo circundante. É uma irradiação que se prolonga a todo lugar experienciado pelo corpo, portanto, corpo adoentado faz sofrer o seu próprio mundo primordial. Afeta de forma negativa os lugares experienciados e vivenciados. Assim, o espaço se amplia e não é a mera experiência visível, material ou sensorial, mas voltado para correlação da consciência com o corpo, este espaço se amplia para um horizonte significativo, que circunda outros lugares, entre-mundos, entre-lugares. Falo de um espaço existencial e vivencial. O espaço é mundanizado e não se apresenta como mera esfera de poder, lutas e hierarquias entre corpos. A casa, como descrevi livremente na seção anterior, passa a se tornar o lugar de repouso da doença. O corpo busca o sono, encontra-se na falta de ânimo e na fadiga.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

Se trata de una “geografía” distintiva, que se repite siempre igual – en todo sueño, en toda sed –, y que contrasta con el hecho de que los dolores pueden campar por todos lados, por todas partes sin una geografía preferente, y pueden además ocurrir simultáneamente en varias ubicaciones, que no se confunden, que no se funden en un único dolor – mientras no caben dos fatigas, dos sueños, dos “sedes” o hambres, que convivan en un ahora (SERRANO DE HARO, 2019, p. 37).

Alva-Espinosa (2017), em “*Fenomenología de la enfermedad*”, reforça as discussões até aqui levantadas. Partindo da ciência médica, para o autor, o essencial da **fenomenologia da doença** é a solidão, afastamento do ser e a solidão. Para ele, conforme já rabisquei, o vínculo se estreita entre consciência e corpo quando a doença circunda o próprio corpo. Recorrendo a famosa frase de Edmund Husserl, “toda consciência é consciência de algo”, geralmente nos acostumamos a entendê-la como um movimento para fora. No entanto, a partir de em um corpo adoentado a consciência se volta para ele, para a sua imediatez, sua localização “sofrida”. O corpo promove, com efeito, um “roubo” de atenção da consciência. Há uma solidão entre a consciência e o corpo, pontua o autor, um cuidado e uma atenção que volta para si. A dor sequestraria a consciência e a própria liberdade do corpo. A consciência se voltaria ao local da dor.

Todavía, embora estas reflexões ganhem caráter universal, haveria uma variedade

de sensações e percepções sobre as modificações segundo a personalidade de cada sujeito, sua história e cultura. A resposta ao seu corpo adoentado dependerá muito das vivências da consciência. Talvez, a minha desorientação não ocorresse com o Outro. Lembremos da referência que fiz no início do texto: tive vizinhos que se recusavam a ficar em casa. A fenomenologia se mostra importante para compreender a consciência de um corpo adoentado, pois desvela não somente a sua constituição, mas as vivências das doenças desvelando o fenômeno da solidão, do sofrimento, invalidez, da liberdade, da solidariedade. E estas experiências são observadas durante grandes períodos de crise, guerras, desastres onde corpos foram violentados e, portanto, causando não somente um dano físico ou psicológico, mas cultural, moral e ético em uma determinada sociedade.

Alva-Espinosa resume o porquê a experiência de um corpo adoentado, do qual eu fui acometido, causa uma certa modificação perceptiva e, sobretudo, uma desorientação do lugar, do espaço e do tempo.

Es incapaz de salir al mundo porque se encuentra rodeado por las barreras dolientes del cuerpo que le reclaman su total atención, pero el cuerpo, en combinación con la mente, no es una celda simple, sino que es todo un nudo de significaciones vivientes, pasadas, presentes y futuras que elaboran una reorganización adaptativa a la nueva situación (ALVA-ESPINO-SA, 2017, p. 643).

Portanto, como vimos, uma fenomenologia da corporeidade expõe de forma própria a constituição da espacialidade. Desse modo, diferente de muitos estudos geográficos que tendem a uma categorização do espaço, aqui ele ganha qualidade de vivência primordial do sujeito em seu mundo-da-vida.

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVA-ESPINOSA, Carlos. *Una aproximación a la fenomenología de la enfermedad*. Gaceta Médica de México, v. 153, n. 5, p. 641-644, 2017.

ARENDDT, Hannah. *The promise of politics*. Edited by Jerome Kohn. New York: Schocken Books, 2005.

_____. *O que é política?* Tradução de Reinaldo Guarany. – 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

ARISTÓTELES. *Política*. Tradução de Mário da Gama Kury. – 3ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

_____. *Ética à Nicômaco*. Tradução e notas de Luciano Ferreira de Souza. São Paulo: Martin Claret, 2016.

DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. Tradução de Wether Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FERREIRA, Rafael Bastos. *Fenomenologia da crise I: a experiência do isolamento e a liberdade*. Cadernos do SISA. 20/05/2020. Disponível em: <https://sis.hypotheses.org/89>.

HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia*. Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

_____. *Ideas relativas una fenomenologia pura y una filosofia fenomenologica*. Libro segundo: investigaciones fenomenologicas sobre la constitucion. Traducción de Antonio Zirión. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1997.

_____. *Problemas fundamentales de la fenomenologia*. Traducción de César Moreno y Javier San Martin. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

_____. *Investigações Lógicas – Sexta investigação*. Selec. e Trad. de Zeljko Loparic e Andréa Maria Altino de Campos Loparic. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

_____. *Zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins*. Haag Martinus Nijhoff, Husserliana Bd. X, 1966.

SEPP, Hans Rainer. *Fenomenología como Oikología*. Acta Mexicana de Fenomenología Revista de Investigación filosófica y científica, n. 5, p. 15-31, Septiembre, 2020.

SERRANO DE HARO, Agustín. *Introducción a la fenomenología del dolor: la experiencia del dolor físico desde el punto de vista filosófico*. Revista d'Humanitats, n. 3, p. 30-42, 2019.